



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1291 - 23/02/2015 a 01/03/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares



A FAEP E OS CAMINHONEIROS

ÁGIDE MENEGUETTE

Quem pariu Mateus,
que o embale

HISTÓRIA

O Repórter
Esso

SENAR-PR

Gestores
Rurais

Aos Leitores

Bombardeada incessantemente por notícias ruins, a sociedade brasileira viu entrar em cena personagens que podem ter a fama de despojados, mas literalmente conduzem a economia brasileira. Os caminhoneiros dirigem 2.588.384 caminhões pelo país, dos quais 255.475 levam a placa do Paraná – a terceira frota brasileira, segundo o Denatran em 31.12.2014.

Péssimos serviços públicos, violência assustadora, gastos inexplicáveis nos três poderes, tarifas públicas explosivas, índices econômicos pífios, inflação crescente, escândalo de corrupção na Petrobras. Pronto, o movimento que bloqueou as rodovias brasileira ganhou apoio, porque funcionou como uma válvula de escape dos nossos dissabores.

Contudo, muito provavelmente os caminhoneiros não sabiam as dimensões dos efeitos do movimento. Mirou o gavião e atingiu o passarinho. Milhares de trabalhadores e produtores rurais que têm a tarefa de criar frangos e suínos, produzir leite ou hortifrutigranjeiros foram os primeiro atingidos. Eles trabalham com prazos de vida e de morte, dos animais, do leite e das plantas.

A FAEP foi a primeira a alertar sobre os sérios riscos sanitários, por consequência de saúde pública, se esses prazos não são cumpridos. Retratos dessa semana tensa no país estão nesta edição, cujo resumo está no artigo do presidente da FAEP, Ágide Meneguette, publicado pela Gazeta do Povo, de Curitiba. Seu título: “Quem pariu Mateus, que o embale”.

Índice

Carga Pesada	03
Nota Oficial	04
Quem pariu Mateus?	05
Alerta aos caminhoneiros?	06
Quem são esses caras?	07
O alvo errado	08
Agricultura de Precisão	13
História - O Repórter Esso	14
Gestores Rurais	16
Opinião - Avicultura	18
Opinião - Logística	20
JAA	23
Presunto Ibérico	24
CONSELEITE	26
Leitor em Foco/Cartas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:**

Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da edição 1291: Fernando Santos, André Amorim, Arquivo FAEP e Divulgação

CARGA PESADA

“Coragem é o que é preciso para se levantar e falar; a coragem é também o que é preciso para sentar e ouvir”. **Winston Churchill**



A definição do grande estadista inglês, Winston Churchill, no calor da Segunda Guerra Mundial, é um conselho inteligente para quem governa. Pois, o governo federal não levantou-se nem falou e só sentou para ouvir, quando chegou à conclusão que o país seria paralisado pelos protestos e bloqueios de rodovias pelos caminhoneiros.

Rodam pelas rodovias esburacadas, enlameadas ou pavimentadas deste país quase 2 milhões e 600 mil caminhões e na boleia deles existe um exército de homens e mulheres que resolveram agir. Como sabem que praticamente 70% da economia brasileira anda sobre rodas e não por trilhos ou por águas, resolveram sectionar as artérias que oxigenam o mercado interno e externo.

A maioria das reivindicações tinha legitimidade, principalmente na questão do óleo diesel que representa, segundo a Confederação Nacional dos Transportes (CNT) 40% do custo do transporte. Ao escândalo da corrupção na Petrobras somou-se o fato de que o preço do petróleo no mercado internacional foi

reduzido em mais de 50%.

No entanto, fuzilando qualquer tese econômica, o governo federal reajustou os preços dos derivados no país. A degradação de qualquer índice econômico, a inflação esvaziando bolsos, o farto noticiário sobre a inoperância do poder público forneceu o caldo político aos manifestos e bloqueios dos caminhoneiros.

A disseminação dos protestos por todo o país acertou, porém, alvos imprevistos. No caso, os milhares de produtores rurais, notadamente os avicultores, suinocultores e bovinocultores de leite.

A FAEP, durante esses acontecimentos, com apoio dos sindicatos rurais, cumpriu seu papel político de atuar na defesa dos produtores. Em sucessivas notas e entrevistas na mídia e em contatos com parlamentares em Brasília, o presidente Ágide Meneguette alertou sobre as sérias consequências da omissão do governo em negociar e buscar uma solução para o impasse. Nas próximas páginas os relatos desta semana conturbada no país.

Nota Oficial da FAEP sobre manifestação de caminhoneiros

As paralisações e os protestos dos caminhoneiros diante dos valores recebidos pelos fretes e pela alta no preço do óleo diesel reajustado no último dia 1º, ameaça não só a produção nacional, mas toda a sociedade.

Já há informações sobre bloqueios de caminhões com cargas perecíveis que afetam diretamente produtores e indústrias de laticínios, frangos, suínos e de grãos. O bloqueio de transporte de combustíveis já ocasiona ameaça de desabastecimento.

A Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) entende que as raízes desse movimento estão vinculadas aos desacertos e desarranjos da política econômica que vem sendo praticada nos últimos anos pelo governo federal.

O mercado é o melhor remédio para estabelecer preços, a oferta e procura não foi ainda extinta, mas enquanto se assiste a queda de praticamente 50% no preço internacional do petróleo, apenas no Brasil seus derivados tem seus preços disparados.

A FAEP entende que as autoridades responsáveis por essas incongruências devem agora buscar uma solução com a classe dos caminhoneiros, evitando que o país seja praticamente paralisado.

Ágide Meneguette

Presidente do Sistema FAEP

O alerta de Ágide em Brasília

A percepção das dimensões que podiam ocorrer com o aumento dos bloqueios de rodovias pelo país, levou o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, à Brasília, no início da última semana.

Ele manteve reunião com parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), na sede do Instituto Pensar Agro, instituição que dá sustentação técnica a projetos de interesse da agropecuária, fazendo um alerta:

- Além dos evidentes problemas econômicos, podemos enfrentar sérios riscos sanitários, de segurança alimentar e ambientais, porque não há logística para descartes de carcaças de animais mortos. Portanto, riscos à saúde pública.

O Paraná e Santa Catarina detém os maiores rebanhos de frangos e suínos, a maioria em pequenas propriedades integradas à indústria. Esses animais tem um período pré-determinado para serem alimentados até o abate, e é apenas durante esse período que a indústria fornece a ração para os rebanhos.

Esse alerta provocou imediata repercussão na mídia que até então vinha se preocupando apenas com a visão econômica provocada pelo movimento dos caminhoneiros.

Ágide solicitou aos parlamentares de partidos ligados ao governo que buscassem interlocução no Palácio do Planalto alertando sobre esse cenário.

Posse na FPA

Ainda em Brasília, Ágide participou da posse do deputado federal Marcos Montes (PSD-MG) que tomou posse na presidência da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA)



A composição da FPA ficou assim constituída: Presidente: Marcos Montes (PSD-MG); Vice-presidente no Senado, Ana Amélia; Vice-presidente na Câmara, Nilson Leitão (PSDB-MT); Vice-Presidente para a Região Norte, César Halum (PRB-TO); Vice-Presidente do Centro-Oeste, Tereza Cristina (PSB-MS); Vice-Presidente do Nordeste, Raimundo Gomes de Matos; Vice-Presidente Sudeste, Evair de Melo (PV-ES); Vice-Presidente Sul, Alceu Moreira (PMDB-RS) e Secretário, Josué Bergston (PTB-PA).

“Quem pariu Mateus que o embale”

Ágide Meneguette - Presidente do Sistema FAEP

Publicado na Gazeta do Povo – 25/02/2015



O governo federal colocou na estrada quatro ministros em busca de possíveis lideranças dos caminhoneiros, que estão praticamente parando o país com sucessivos bloqueios de rodovias.

O governo descobriu que estava na banguela, sem qualquer controle desse movimento, buscando alguém capaz de puxar o freio.

A culpa, sabem os ministros colocados em ação pela presidente Dilma Rousseff, como divulgou a mídia, está nas constantes derrapagens dos responsáveis pela política econômica dos anos recentes.

Os desajustes e desarranjos foram se somando e a sociedade percebe, sente no bolso e no mercado, a inflação, os juros absurdos, as contas governamentais no vermelho.

Duas das principais reivindicações dos caminhoneiros (fretes e redução no preço do óleo diesel) deveriam ser resolvidas pelo velho e sempre eficaz remédio do mercado – a oferta e procura.

Os mesmos celulares, smartphones e redes sociais que direcionam motoristas nos protestos também trazem obviamente outras informações. Para quem vive na boleia de um caminhão é incompreensível, por exemplo, saber que há a queda abrupta do preço do petróleo e seus derivados, em todos países do mundo, tem preços reduzidos, enquanto no Brasil a gasolina e diesel sofrem reajustes.

Desde o governo Juscelino Kubitschek (1955-1960) o oxigênio da economia brasileira está nos buracos, lamaçais e asfalto

das rodovias. Quem mais sabe delas, seus maiores especialistas, estão balançando o coreto do país.

Sabem e encham o peito para dizer que sem eles o Brasil empaca. Ocorre que ao atirarem em direção de um alvo estão espalhando chumbo em outras direções. Ao impedir que cargas perecíveis transitem pelas rodovias atingem, por exemplo, o trabalho e a renda de milhares de trabalhadores e produtores rurais paranaenses, a grande maioria pequenos proprietários.

Para exemplificar:

- Diariamente são produzidos e processados 12 milhões de litros de leite por dia, por cerca de 115 mil produtores e 300 indústrias (laticínios) no Paraná;
- Estima-se que são abatidos 5 milhões de frangos/dia, resultado do trabalho de 20 mil avicultores paranaenses, responsáveis por um rebanho de 300 milhões de aves.

Esse enormes rebanhos estão em risco de colapso e causarão danos econômicos e sanitários inimagináveis, porque não existe logística para o descarte das carcaças.

Os milhões de litros de leite serão jogados fora, podendo causar danos ambientais.

Essas são apenas algumas das situações que os caminhoneiros podem evitar, caso deixem de impedir o trânsito de cargas perecíveis. Acrescente-se a isso os problemas de desabastecimento de combustíveis e de complementos industriais indispensáveis na transformação de produtos agroindustriais.

O atual governo vem contando com a docilidade de lideranças sindicais vinculadas ao partido que está no poder, quando surgem episódios de reivindicações de trabalhadores.

O atual movimento dos caminhoneiros, ao contrário, pela sua rápida disseminação, pegou o governo de surpresa e a própria sociedade apenas lentamente vai percebendo suas dimensões, caso continue.

Como sua raiz está no comportamento cambaleante e desorientado da política econômica dos últimos anos, vale o provérbio: “Quem pariu Mateus, que o embale”.

FAEP alerta os caminhoneiros

Impedir o trânsito de cargas perecíveis põe em risco renda de produtores, abastecimento e saúde pública



Ao bloquear rodovias federais e estaduais para o trânsito de produtos perecíveis, os caminhoneiros estão atingindo diretamente o trabalho e a renda de milhares de trabalhadores e produtores rurais paranaenses, a grande maioria pequenos proprietários.

Não só isso, colocam em risco o abastecimento da população e põe em iminente perigo a saúde pública e a segurança alimentar.

- Diariamente são produzidos e processados 12 milhões de litros de leite, por cerca de 115 mil produtores e 300 indústrias (laticínios) no Paraná;

- Estima-se que são abatidos 5 milhões de frangos/dia, resultado do trabalho de 20 mil avicultores paranaenses.

São mais de 30 mil suinocultores no Estado e mais de 750 mil cabeças abatidas semanalmente em 55 frigoríficos; Essas três cadeias processam milhares de toneladas de ração, baseadas na soja e no milho, num ciclo pré-determinado de prazos e consumo.

Os lotes de frangos que no total somam 300 milhões de aves no Paraná tem em média 40 dias até o abate. A ração que chega ao produtor através das agroindústrias também se esgota nesse prazo. O mesmo ocorre com o ciclo dos mais de 5,8 milhões

de suínos.

Esse enormes rebanhos estão em risco de colapso e causarão danos econômicos e sanitários inimagináveis, porque não existe logística para o descarte das carcaças.

Os milhões de litros de leite serão jogados fora, podendo causar danos ambientais. Essas são apenas algumas das situações que os caminhoneiros podem evitar, caso deixem de impedir o trânsito de cargas perecíveis.

A Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), como afirmou em nota anterior, entende que as raízes desse movimento estão vinculadas aos desacertos e desarranjos da política econômica que vem sendo praticada nos últimos anos pelo governo federal.

No entanto, os produtores rurais que também são vítimas desse cenário no país, não podem ser ainda penalizados por esse movimento cujo alvo não são eles.

Ágide Meneguette

*Presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná – FAEP
Nota emitida pela FAEP em 25.02.2015*

Quem são esses caras?



Quando as reportagens de TV mostraram as imagens da reunião de negociação feita dia 25 último, em Brasília, entre ministros e “representantes da categoria dos caminhoneiros”, o Watsapp (aplicativo que permite troca de mensagens pelo celular sem pagar) comeu solto nos bloqueios das estradas. A maioria das mensagens trocadas se resumia na frase:

- Quem são esses caras? Quem conhece eles?

O movimento dos caminhoneiros colocou à mostra um grande problema para o governo federal e mesmo para autoridades, lideranças e produtores que buscavam negociar a passagem de produtos perecíveis: quem liderava os bloqueios?

Na verdade, as lideranças eram difusas pelo país. Havia extrema dificuldade em identificar um comando central e estava em cena as redes sociais, Watsapp à frente, como um meio de comunicação rápido, incontrolável e multiplicador.

Então falou o Schmidt

Surgiu **então** o vídeo de Ivan Schmidt, com essa mensagem:

- Meus amigos caminhoneiros e simpatizantes da nossa causa.

Não houve acordo com o governo. A paralisação continua. Nós hoje passamos o dia em reuniões. Inclusive, no momento em que foi divulgado o acerto, nós estávamos em uma reunião no Palácio

do Planalto, conversando com o secretário (da Presidência, Miguel Rossetto). Então nós estávamos com os celulares desligados.

Nesse momento, esse governo mentiroso chamou a imprensa e disse que havia acontecido um acordo, para dar tempo de sair no Jornal Nacional. E não deu tempo de a gente desmentir. Então o Jornal Nacional pegou, inocentemente, e anunciou que houve o acordo.

Então a partir de agora, o nosso movimento é bloquear automóveis também, até o meio-dia de amanhã [quinta-feira]. Para que o governo conheça realmente o movimento e atenda a nós e atenda ao nosso pleito. Muito obrigado. Tamo junto.”

Então Schmidt contou que fundou um tal de Comando Nacional dos Transportes com cinco amigos em dezembro do ano passado. Ex-caminhoneiro, Schmidt seria proprietário de uma pequena transportadora desde 2002 em Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Nasceu em Palmitos, SC, tem 44 anos, mora há 16 anos no RN. Atualmente teria um caminhão de sua propriedade, que está parado na Bahia.

Com tantos “então” nas suas mensagens, além da fama na mídia, certamente o catarinense entrou no grampo dos arapongas da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), a espionagem do governo. “**Então**” a ABIN ficou na difícil tarefa de desmentir Schmidt sobre sua liderança. Mas nesse caso o que ele fazia dentro do Palácio do Planalto. Ou lá, “então” ele não estava?

O alvo errado



Com certeza quem acendeu o rastilho do movimento pelo bloqueio das rodovias não tinha noção da rapidez de seu alcance pelo país. E dos seus efeitos. No Paraná são 520 mil produtores rurais, 90% pequenos proprietários com até 72 hectares, mas independente do tamanho, de uma forma ou outra todos foram atingidos pelo movimento. Como a FAEP disse em uma de suas notas as raízes

desse movimento estão vinculadas aos desacertos e desarranjos da política econômica que vem sendo praticada nos últimos anos pelo governo federal.

“No entanto, os produtores rurais que também são vítimas desse cenário no país, não podem ser ainda penalizados por esse movimento cujo alvo não são eles”.

O BI buscou algumas situações vividas em diferentes regiões do Estado pelos produtores.

Dois Vizinhos

Um cenário de pesadelo. Foi esta a descrição do avicultor Genir Cambruzzi, da cidade de Dois Vizinhos, no Sudoeste do Paraná, sobre a situação vivida nos dias em que os caminhoneiros paralisaram estradas, estancando o transporte de cargas em todo país.

Com dois aviários e capacidade de alojar 55 mil frangos, o produtor, integrado da BRF, tinha ração para alimentar as aves até sexta-feira (27). “Se nenhuma grande mudança ocorrer, o destino de 54.500 frangos com 12 dias de vida será o descarte”, disse. Ele não era o único, seu caso ilustra a situação vivida por muitos avicultores da região naqueles dias.

Apenas na unidade da BRF em Dois Vizinhos são abatidos 660 mil frangos por dia. “Não dormimos à noite, jamais pensei que isso pudesse acontecer”, desabafa.

Na hipótese de sacrificar as aves, Genir lembrava da necessária autorização das secretarias de Agricultura (Seab) e do Meio Ambiente (Sema) do Paraná. Quando isso ocorre, é cavado um buraco revestido com lona plástica, evitando a contaminação do solo, para jogar as aves mortas.

Além de avicultor, Genir atua no transporte de ração e de

aves vivas para a BRF, tem três funcionários nos aviários e outros 13 na empresa de transportes. Estes últimos ficaram parados devido à falta de combustível para os seis caminhões da sua pequena frota. Enquanto perdurou os bloqueios, constatou ele, a rotina de Dois Vizinhos lembrou a de uma cidade fantasma, com as ruas sem carros devido à falta de gasolina, etanol e diesel.

Segundo Genir, a BRF chegou a eliminar os pintainhos que nasceram durante a crise por cota da escassez de alimentos. A ração disponibilizada no período também era de baixa qualidade, sem vitaminas. “É só farelada, só para o frango não morrer de fome mesmo”, observou.

O avicultor acredita que a conta do prejuízo invariavelmente será absorvida por ele. “Num caso desses fica difícil reaver o dinheiro perdido”, avalia.



Genir, à esquerda, acredita que vai arcar com os prejuízos sozinho

Medianeira

Em Medianeira, região Oeste do Estado, aproximadamente 4,8 mil produtores de leite deixaram de entregar na unidade da Frimesa 160 mil litros de leite por dia. Os prejuízos se acumulam nas milhares de pequenas propriedades rurais como a do produtor Valter Peterli, 66 anos, que produz 2 mil litros/dia, na propriedade de 17,5 hectares .

“Achei justa a causa dos caminhoneiros, mas eles não podem sufocar quem produz o alimento para a população. Não tenho esperança de receber pelo leite descartado, mas tenho meus compromissos, como vou ficar?”, questiona.

Peterli descreve seu sentimento ao descartar o leite como uma mistura de raiva e desespero. “A gente se empenha e investe para produzir um produto de qualidade e tem que jogar fora é uma tristeza”. Ele explica que não pode reduzir a quantidade de ração oferecida para as vacas. “Elas não tem um botão automático que a gente desliga e liga. Se eu diminuir a quantidade ou a qualidade da ração elas vão precisar de um tempo para voltar a produzir no patamar atual que é de 25 litros/dia”, diz.

O produtor critica a postura do governo federal de aumentar impostos e o preço dos combustíveis. “Se você tira

de alguém, outro vai ter que pagar e no caso essa outra parte é o povo. Eles estão sentados em um mundo maravilha e nós aqui fora é que estamos pagando o pato. Vai ter que mudar isso aí, nem que a gente sofra um pouco agora”, argumenta.

O Sindicato Rural de Medianeira negociou, durante os bloqueios na BR 277, com os representantes dos caminhoneiros, a liberação de caminhões com cargas vivas e perecíveis. “Pedimos que os produtores levassem suas máquinas e tratores para reforçar a mobilização em troca da passagem dos caminhões com as cargas perecíveis. Pelo menos isso, pois até então não estava passando nada”, contou o presidente do sindicato rural Ivonir Lodi.



Chopinzinho

Em Chopinzinho, região Sudoeste, um dos maiores municípios produtores de leite do Estado, o comércio só abriu as portas, na quarta-feira (25/02) às 10 horas da manhã, engrossando a paralisação dos caminhoneiros. “Os produtores rurais também apoiaram o movimento apesar dos prejuízos com a falta da coleta de leite nas propriedades”, informa o presidente do sindicato rural, Tadeu Sguarezi Acorsi.

Além do leite, 86 produtores rurais tem produção de frangos em 156 aviários. A preocupação foi com a falta de ração para os animais. “Conseguimos que eles liberassem as cargas vivas e perecíveis, mas a dificuldade foi com o combustível que acabou nos postos dia 24”, contou Tadeu.

Além dos aviários o sindicato orientou alguns produtores de leite que perderam 20 mil litros depositados em dois caminhões retidos nos bloqueios. “O descarte de leite estragado é difícil, porque atinge o meio ambiente, vamos tentar buscar a melhor solução”, finaliza.



Roncador

Robert Reinhofer com propriedade em Roncador, região Central do Estado, e para não interromper sua colheita da soja comprou diesel nos postos de combustível, R\$ 0,30 mais caro do que a compra direta da distribuidora (R\$ 2,80 por litro em vez de R\$ 2,50). O que encareceu os custos de produção.

Reinhofer entrega a soja na Cooperativa Agrária, em Entre Rios, região de Guarapuava, mas no período das manifestações, para não ter riscos, recorreu a cerealistas da região de Roncador. Além disso, teve uma colheitadeira parada na estrada nas proximidades de Pitanga (a 110 km) e atrasou a colheita de milho.





Umuarama

Em Umuarama, onde as principais culturas são a mandioca, cana-de-açúcar, gado de corte e de leite, os produtores e cooperativas buscaram alternativas. Segundo o vice-presidente do Sindicato Rural de Umuarama e secretário da Cooperativa Caiuá, Mário Aluizio Zafanelli, “o produtor buscou segurar no campo o que era possível, mas quanto aos animais a opção são caminhos alternativos para entregar nos frigoríficos”. Zafanelli contou que a dificuldade na região foi a falta de combustíveis.

O produtor de leite de Umuarama, Odair Fenato produz diariamente 2 mil litros e no início do movimento ainda conseguiu entregá-los. Mas de barbas de molho, se preparou para armazenar 5 mil litros nos resfriadores da propriedade. E pediu ajuda a um irmão que tem um resfriador de 3 mil litros. “Depois não tenho ideia do que fazer”, disse. A muitos de seus vizinhos, pequenos produtores, a única solução foi jogar a produção fora. “Além do preço do leite estar baixo esse bloqueio está desestimulando muito a gente”, revela.

Guaraniaçu

Em Guaraniaçu, região Sudeste, o produtor Cláudio Cazella, que tem uma propriedade com 10 hectares conseguiu junto com o frigorífico Globoaves driblar o bloqueio. “Combinamos de carregar quatro caminhões com 14,6 mil frangos bem no início da manhã, pois além de não ter mais ração os frangos com 47 dias, começam a morrer depois desse prazo. Foi um alívio”, finaliza.





Pitanga

Na última quinta-feira (26), mais de 500 produtores rurais participaram de uma manifestação organizada pelo Sindicato Rural de Pitanga, em frente à Câmara de Vereadores do município. Com faixas criticando a falta de comando do governo federal, eles levaram às ruas o leite que está estragando no município por conta do bloqueio dos caminhoneiros que ocorrem em todo país. Por dia, o município está

jogando fora cerca de 200 mil litros de leite.

Segundo o presidente do Sindicato Rural, Luiz Carlos Zampier, o alvo do protesto são os desmandos, a corrupção e a má gestão do dinheiro público no governo federal. “Nós apoiamos a greve dos caminhoneiros, o diesel não para de subir, não há condições de sustentar isso”, afirma o dirigente, que prefere não misturar os dois movimentos. “Essa greve dos caminhoneiros não tem liderança, o nosso ato tem, a liderança é o Sindicato Rural”, diz.

Os produtores de Pitanga produzem diariamente 200 mil litros de leite. Os dois laticínios existentes no município ainda estavam recebendo parte desta produção até a última terça-feira (24), mas também interromperam as atividades por conta da falta de condições físicas de estocar a matéria-prima.

Segundo Zampier, além do leite, os produtores de grãos também estão tendo dificuldades com a falta de combustível para transportar a safra que está sendo colhida. “O primeiro que está pagando as contas dos desmandos do governo federal é o produtor rural”, lamenta.

A jurisdição do Sindicato Rural de Pitanga abrange outros quatro municípios: Boa Ventura de São Roque, Santa Maria do Oeste, Mato Rico e Nova Tebas. “Se juntar os cinco municípios, a produção de leite vai para 450 mil litros por dia”, afirma Zampier.

Londrina e Apucarana

O Sindicato Rural de Londrina buscou o diálogo com os caminhoneiros durante as paralisações na BR 369.

“Fomos lá para fazer um diálogo a favor do produtor rural, que não pode ser prejudicado por causa do mau exemplo do governo federal. Temos que fazer um movimento em toda a sociedade para cobrar uma solução do governo por todos esses problemas que estão acontecendo em todo o país”, comentou o presidente Narciso Pissinati. O Sindicato forneceu lanches e água aos manifestantes.

Mesma atitude do presidente do Sindicato Rural de Apucarana, Claudomiro Rodrigues da Silva, que também prestou ajuda aos caminhoneiros que paralisaram o trânsito na BR 369, na altura do quartel do Exército.



AP que dá certo

SENAR-PR conhece iniciativa de Tupãssi que está levando a Agricultura de Precisão a pequenos produtores



O Prefeito de Tupãssi, José Mariusse, o Superintendente do SENAR-PR Humberto Malucelli Neto e o extensionista da Emater Ênio Bragagnolo

Um dos eixos centrais das estratégias do SENAR-PR este ano é a difusão do correto uso da chamada Agricultura de Precisão (AP), técnica que coloca a gestão da propriedade em um outro patamar de excelência, trabalhando a aplicação de insumos e a correção do solo, ponto a ponto, com ajuda de equipamentos de georreferenciamento por satélite.

Para difundir essa prática, no ano passado o SENAR-PR realizou uma série de seminários de Agricultura de Precisão pelo Estado, ministrados pelo professor/doutor José Molin, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP), uma das maiores autoridades em AP do país. Também foram buscadas iniciativas de sucesso nessa área para ver o que poderia ser aproveitado nas estratégias do SENAR-PR.

Um destes trabalhos visitados foi o “Tupãssi fazendo AP”, programa desenvolvido pela Emater que conta com o apoio da prefeitura e da Associação dos Agricultores de Tupãssi (Agritu). Em outubro de 2014, o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto, visitou a Emater de Tupãssi, onde conheceu de perto a iniciativa.

O objetivo do programa é implementar programas de AP em pequenas propriedades do município. A iniciativa começou em 2013 com a análise de solo e evoluiu em 2014 com a adoção das correções necessárias, como aplicação de taxa variável de insumos e outras medidas. O resultado aparece agora que os produtores estão

colhendo a primeira safra após o início do programa.

Segundo o extensionista da Emater, Ênio Bragagnolo, que coordena o projeto, nas áreas trabalhadas pelo programa, onde foi aplicada a AP, a produtividade por hectare foi entre 12 e 16 sacas superior às áreas da mesma região onde a AP não foi utilizada.

Atualmente o programa atende cerca de 300 produtores no município. O objetivo é que nos próximos dois anos este número seja estendido para 800 produtores. As propriedades trabalhadas têm até 48 hectares. “Esse o público que queremos atingir”, explica Bragagnolo.

De acordo com o extensionista, o programa tem três objetivos principais: aumento na produtividade; diminuição da quantidade de insumos utilizados e proteção do meio ambiente, uma vez que, através da AP, utiliza-se racionalmente recursos que são finitos, como calcário agrícola, fósforo e potássio. O programa funciona com base na parceria entre a prefeitura do município, que adquire os equipamentos, a Emater, responsável pela parte técnica, e os produtores atendidos, que se comprometem a participar efetivamente do programa e são responsáveis por comprar os insumos necessários para sua propriedade.

Com o apoio do programa, o custo para a elaboração do mapa de fertilidade cai entre 59% a 80% do custo de mercado deste serviço, dependendo do tamanho da propriedade. Na aplicação dos insumos em taxa variável o programa subsidia 50% dos custos do produtor.

O PRIMEIRO A DAR AS ÚLTIMAS

Testemunha ocular da história

Se não deu no Esso, não aconteceu

Durante 27 anos, de 1941 a 1968, os brasileiros conviveram com essas duas expressões que sintetizavam o "Repórter Esso", o primeiro noticiário de radiojornalismo do país.

O programa fora criado nos Estados Unidos em 1935 e a partir do início da Segunda Guerra Mundial se expandiu para a América Latina como estratégia para neutralizar a influência dos alemães que a Rádio de Berlim exercia sobre a região. Foi lançado na Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela e em nações da América Central, como Panamá e Honduras. Alcançava 14 países e 60 emissoras de rádio na maior rede radiofônica do mundo.

A primeira transmissão brasileira do programa se deu no dia 28 de agosto de 1941, através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e era retransmitido por outras emissoras das capitais.

O nome do jornal vinha da empresa norte-americana de Petróleo (Standard Oil Company of Brazil) - a Esso, que patrocinava e orientava o modelo do noticiário nos diversos países em que ele existia. A empresa não utilizava o departamento de jornalismo da Rádio Nacional, pois queria manter a total responsabilidade

sobre o que era veiculado no programa, manipulando assim a audiência. A fonte principal das notícias era a agência de notícias norte-americana United Press International (UPI).

O noticiário entrava no ar às 8h, 12h55, 18h30, 20h25 e 22h05, e tinha apenas 5 minutos de duração. O poder de síntese das informações impulsionou inovações como a criação do lead (abertura) em rádio e a introdução do texto de frases curtas e objetivas. Antes do Repórter Esso, as notícias veiculadas na rádio eram lidas diretamente dos jornais impressos. A inovação e credibilidade do noticiário fizeram com que os slogans "Repórter Esso, a testemunha ocular da história" e "Repórter Esso, o primeiro a dar as últimas" ficassem, assim, famosos na época.

Mas sua especialidade foi mostrar as qualidades da vida americana, o chamado "American way of life". Ao noticiário favorável se somou a vinda de Orson Wells (Cidadão Kane), Humphrey Bogart (Casablanca), a orquestra de Glenn Miller e de quebra Walt Disney inventou o Zé Carioca. Enquanto isso, os americanos instalavam uma base aérea em Natal e transformaram Carmem Miranda em estrela de Hollywood.



O declínio

Na sua trajetória, o Repórter Esso anunciou o fim da Guerra, em maio de 1945, cinco anos depois realizou ampla cobertura da guerra da Coreia. Em 1954, noticiou com exclusividade o suicídio de Getúlio Vargas; em 1957, informou com grande destaque a explosão da primeira bomba de hidrogênio; em 1959, registrou que Fidel Castro vencera a Revolução Cubana e mostrou o perigo do avanço comunista na América Latina. Em 1963, noticiou o assassinato do presidente John F. Kennedy.

Entre os locutores que

apresentaram o Repórter Esso, Heron Domingues foi um dos destaques. Ele passou 18 anos no comando do programa, sendo substituído por Roberto Figueiredo, que apresentou sua última edição.

No início da década de 50, meio aos trancos e barrancos, a TV chegou ao Brasil ou precisamente em 18 de setembro de 1950.

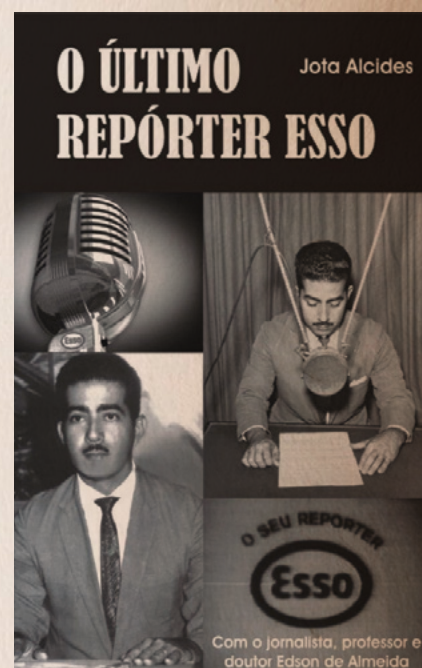
Aos poucos, o estilo direto e sintético do Repórter Esso, baseado em notícias de agências internacionais, passou a perder espaço. A censura no período militar instalado em 1964 e os telejornais também contribuíram para seu declínio.

O Repórter Esso terminou suas transmissões em 31 de dezembro de 1968, dias depois da edição do AI-5 que implantou a ditadura no Brasil. Na última edição, transmitida pela Rádio Nacional e pela Rádio Globo do Rio de Janeiro, a partir das 20h25 da noite, o locutor Roberto Figueiredo entrou no ar, noticiando sobre as festividades do Ano Novo; o pronunciamento do presidente Costa e Silva sobre o momento nacional e a instituição do AI-5; a condenação de Israel pela ONU devido a um atentado contra o Líbano; a Missa de Ano Novo realizada pelo Papa Paulo VI; a previsão do tempo nas principais cidades do

país e as principais notícias dadas pelo Repórter Esso em 27 anos de atividade.

Durante a leitura Roberto Figueiredo começou a chorar e se emocionar, chegando a um ponto em que o locutor reserva Plácido Ribeiro teve que substituí-lo. Figueiredo se recompôs e, aos prantos, encerrou o último Repórter Esso, desejando uma boa noite e um feliz Ano Novo.

Nunca mais se ouviria no rádio a outra expressão famosa do Repórter Esso: “o primeiro a dar as últimas”.



A Voz do Brasil

Naquelea época, esperto, o ditador Getúlio Vargas “sacou” o rádio como instrumento eficaz de comunicação. Mandou criar a “Hora do Brasil” que foi ao ar em 22 de julho de 1935. Hoje é a “Voz do Brasil” atormentando os brasileiros todo os dias (menos sábados e domingos), a partir das 19 horas. Desde 1962 transmite notícias dos Três Poderes e não somente do Executivo. Nunca foi páreo, todavia, para o “Esso” devido ao seu conteúdo “chapa-branca” (só elogiava o governo).

Há vagas para gestores

Publicado na Gazeta do Povo – 25/02/2015



A integração de frangos e suínos começou no Brasil com a produção familiar. A evolução foi ocorrendo com a necessidade de escala e de aumento da produção. A atividade ganhou tamanha importância que no Paraná, o setor avícola, por exemplo, é o maior produtor e exportador de carne de frango do Brasil, respondendo por 31% da produção nacional. A produção de carne suína brasileira em 2013 colocou o país na 3ª colocação entre os principais produtores e exportadores mundiais de carne. O Paraná é responsável por 19,02% da produção brasileira, ocupando a 3ª posição.

Os números são positivos para o agronegócio. Por outro lado, tamanho crescimento gera a necessidade cada vez maior de profissionalização. São 19 mil avicultores e cerca de 30 mil suinocultores no Paraná. Os produtores têm hoje um considerável número de funcionários e situações em que, por exemplo, a produção animal é de 15% a 20%, porque se dedicam

a outras atividades.

Para entender seu negócio e se antecipar as demandas futuras, empresas como a BRF fazem, dentro do seu planejamento estratégico, constantes pesquisas e análises de seus integrados para entender sua realidade e formas de melhorias. Num desses estudos o alvo foi entender as relações de trabalho entre os envolvidos na avicultura. O diagnóstico mostrou uma grande dificuldade na retenção de mão de obra. Mesmo em casos com vários benefícios como, salário para o casal, moradia sem custos de aluguel, água e luz gratuitos, além de méritos pelos resultados, não foram suficientes para manter um funcionário na atividade.

A alta rotatividade gera alto custo nos processos de recrutamento, na baixa produtividade e no próprio processo de demissão. São atividades bem especializadas que requerem muito conhecimento e fidelidade aos padrões na cadeia animal. “Ganha-se em produtividade e em qualidade quando o gerente

consegue que haja compreensão do padrão e entendimento da fisiologia animal. Como as coisas devem ser feitas e por que disso”, explica o engenheiro-agrônomo e consultor de extensão rural, Naldo Luiz Dalmazo.

Apesar do exemplo da avicultura, a necessidade de evolução da gestão familiar para a empresarial se enquadra em todas as cadeias produtivas do agronegócio. Muitas vezes, as atividades de gerência e liderança são exercidas por autodidatas sem conhecimento estruturado e sem capacidade de liderança. Há dois tipos de situações. Na primeira o produtor rural é o dono da propriedade, exercendo ao mesmo tempo o papel de gerente e de operador. No segundo caso, propriedades maiores têm a presença de um gerente.

Fatores para mão de obra

“O graneiro tem que evoluir a propriedade vendo isso com um valor. É preciso pensar na construção da sustentabilidade e como será no futuro a produção familiar. O que será determinante para essa sustentabilidade?”, questiona Dalmazo.

Há uma série de outros fatores que precisam ser levados em conta na retenção do funcionário. Entre eles estão uma propriedade bem organizada, uma casa agradável o funcionário morar com sua família; estradas que permitam o acesso de ônibus escolar para as crianças; e um dos fatores principais - o acesso à internet, que reduz a distância entre a cidade e o campo, principalmente para a geração mais nova. A pesquisa identificou que não necessariamente era a remuneração o valor mais atrativo. Em alguns casos, o produtor dispõe de todos os recursos necessários para a expansão da atividade, mas ela não ocorre por falta de mão de obra.

Para os responsáveis, a pesquisa deixou clara a necessidade de se formar gestores e líderes com capacidade de motivar e desenvolver pessoas. Entre os que foram embora das propriedades, 38% queriam crescer e melhorar e não enxergaram essa oportunidade onde estavam. “Os que permaneceram por três ou quatro anos é porque tiveram um bom gestor que os ajudou na construção de seus sonhos”, afirma Dalmazo.

Gestores do próprio negócio

Buscando uma solução, empresas como a BRF procuraram o SENAR-PR para a construção de uma capacitação

de gestores rurais. Junto com a FAE Business School, o SENAR-PR montou o programa Gestores Rurais com cinco módulos de 16 horas cada, totalizando 80 horas de cursos que serão ministrados em quatro horas semanais. Relacionamento do gestor com a equipe, processos e prática de gestão de pessoas, introdução e capacitação do colaborador no trabalho, gerenciamento dos processos de rotina do gestor e planejamento da propriedade – visão do futuro, são os temas de cada módulo.

“O problema de gestão é sério, há carência de qualificação em todos os ramos. Além da profissionalização é preciso promover uma visão de prospecção do produtor rural. Ele tem que ver sua atividade como um negócio em que vidas dependem de sua atividade. Ampliar a visão do seu papel na sociedade”, avalia a professora Nancy Malschitzky, Doutora em Engenharia de Produção, com enfoque em Gestão de Negócios.

O SENAR-PR executará no primeiro semestre de 2015 um curso piloto em três municípios com a parceria da BRF e de suinocultores para validar o conteúdo e planejamento do programa. Alguns diferenciais do curso são tarefas no formato de videoaulas curtas e uma grande quantidade de material de apoio.

Capacitação de instrutores

Na semana de 9 a 14 de fevereiro, 25 instrutores do SENAR-PR participaram, em Curitiba, da Formação de Instrutores do Programa Gestores Rurais – FAE. São profissionais como Debora Siqueira, de Ponta Grossa, que já é instrutora do SENAR-PR na área de gestão. “O principal capital do produtor é humano e o planejamento. O programa é interessante porque os módulos são bem específicos e foram pensados considerando a necessidade operacional aproximando o conteúdo da realidade do meio rural”.

A instrutora de Toledo, Maria José Andreacci Zuleger, contribui com a leitura do material produzido pela FAE e também participou do treinamento. Segundo ela, existem muitos paradigmas que precisam ser quebrados para que o produtor possa despertar a consciência entendendo os fatores que fazem a diferença, perceber as oportunidades e a diversificação que valorizam a propriedade. “Estamos vivendo um momento primordial para criar oportunidades diante da crise e a velocidade da mudança e o fácil acesso a informação ajudam as pessoas a participarem de um curso como esse”.

Na área de gestão o SENAR-PR oferece uma série de cursos e programas como: Gestão Rural, De Olho na Qualidade, Negócio Certo Rural, Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e o Programa Empreendedor Rural.

Paraná é líder na produção avícola brasileira

Por Ariana Weiss Sera, médica-veterinária do DTE-FAEP

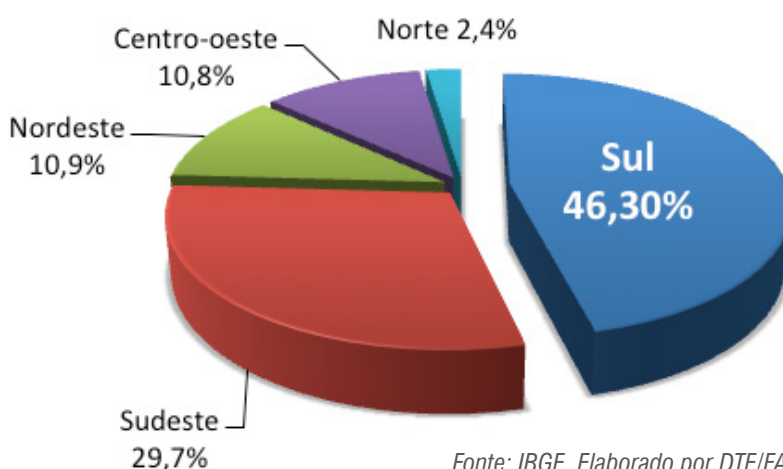


A avicultura brasileira emprega mais de 3,6 milhões de pessoas, direta e indiretamente, além de responder por quase 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) em 2013.

O Paraná possui aproximadamente 19 mil produtores de frango segundo dados da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab-PR). O Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar) estima que a atividade represente 11% do agronegócio paranaense, sendo responsável pela geração de 660 mil empregos diretos e indiretos no Estado.

No Brasil o efetivo avícola foi de 1,2 bilhão de cabeças em 2013, aumento de 0,3% em relação ao registrado em 2012. Segundo dados do IBGE ilustrados no gráfico 01, a região Sul tem a maior concentração de aves do país.

Gráfico 01 - Distribuição do efetivo avícola nas grandes regiões do Brasil.



Vale ressaltar que o Paraná é o Estado de maior participação nacional com aproximadamente 276 milhões de cabeças, representando 22,1% do efetivo total do país e 47,7% do efetivo da região Sul. O quadro 01 destaca os principais municípios paranaenses de maior efetivo avícola no Brasil.

QUADRO 01

20 municípios brasileiros com maior efetivo avícola em 2013	Milhões de cabeças	Participação no efetivo total (%)
1° Bastos - SP	14,9	1,2
2° Uberlândia - MG	13,5	1,1
3° Amparo - SP	12,5	1
4° Pará de Minas - MG	12,5	1
5° Rio Verde - GO	12	1
6° Brasília - DF	10,3	0,8
7° Santa Maria de Jetibá - ES	9,9	0,8
8° Cianorte - PR	8,6	0,7
9° Nova Mutum - MT	7,6	0,6
10° São José da Varginha - MG	7	0,6
11° Palotina - PR	6,8	0,5
12° Pirai do Sul - PR	6,7	0,5
13° Sidrolândia - MS	6,4	0,5
14° São Bento do Una - PE	6,1	0,5
15° Vila Lângaro - RS	5,9	0,5
16° Mococa - SP	5,8	0,5
17° Itanhandu - MG	5,7	0,5
18° Porangaba - SP	5,6	0,5
19° Dois Vizinhos - PR	5,5	0,4
20° Assis Chateaubriand - PR	5,5	0,4

Fonte: IBGE. Elaborado por DTE/FAEP

No comparativo entre 2012 e 2013 nota-se aumento de 4% no efetivo nacional de galinhas. Todas as regiões apresentaram crescimento, mesmo em menor grau, como ocorreu nas regiões Sul (0,5%) e Norte (0,1%). As maiores variações ocorreram nos Estados de São Paulo (9,6%), Goiás (24,9%), Rio Grande do Sul (3,9%) e Ceará (8,0%).

Correlacionando o baixo crescimento no efetivo de galinhas da região Sul e o aumento considerável no abate de frangos no Paraná, conclui-se que houve melhora na produtividade e eficiência nos processos de produção do Estado justificando o acelerado ritmo de crescimento da atividade.

Exportações

O Brasil registrou aumento de 3% na produção de carne de frango, passando de 12,3 milhões de toneladas em 2013 para 12,7 milhões em 2014, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Em termos de exportação de carne de frango, em 2013 o Brasil ocupou o primeiro lugar mundial (3,8 milhões toneladas), superando os Estados Unidos e a União Europeia, segundo o USDA.

O setor avícola paranaense é considerado o maior produtor e exportador de carne de frango do Brasil. Em 2013, o Estado respondeu por 31% da produção nacional e 29% das exportações brasileiras.

Em 2014 o Paraná abateu 1,56 bilhão de aves que corresponde a um crescimento de 7,2% em relação a 2013, segundo o Sindiavipar.

Do volume produzido foram exportados 1,28 milhão de toneladas, 12,5% superior ao registrado em 2013, quando o Paraná exportou 1,14 milhões de toneladas. Os números mostram que os embarques correspondem a aproximadamente um terço de todo o frango exportado pelo Brasil, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Comparando a produção brasileira com a produção paranaense, observa-se que o Paraná mantém-se líder na produção avícola, registrando crescimento superior ao realizado pelo Brasil.

Em 2014, o consumo per capita da carne de frango no Brasil se aproximou dos 43 kg, sendo 2,8% maior que em 2013. O consumo doméstico é o quarto maior no mundo, ficando atrás dos Estados Unidos, China e União Europeia.

Nota-se ligeiro decréscimo no consumo geral de carnes no país em decorrência da atual situação econômica, refletindo também na migração dos consumidores da carne bovina para a carne de frango em função do alto preço.

Em relação aos custos, a Embrapa demonstrou que em dezembro de 2014 o custo para produzir um quilograma de frango (base: Estado do Paraná, em aviário com climatização positiva) foi de R\$ 2,26, valor 5,7% superior ao de dezembro de 2013, porém aproximadamente 1% inferior ao de dezembro de 2012, mês em que se enfrentou o terceiro maior custo daquele exercício.

Quanto ao mercado de exportação, em 2015 os esforços tendem a se concentrar na abertura dos portos para a Malásia, Taiwan, Coreia do Sul e Indonésia. Em 2014 a Rússia se consolidou como uma das melhores oportunidades para os exportadores de frango e tende a se manter em 2015.

O Brasil leva vantagem sanitária frente a outros países, garantindo sua produção livre de doenças como a Influenza Aviária que reflete na abertura de novos mercados internacionais.

Mesmo com a situação instável da economia mundial as expectativas são otimistas para 2015. O Paraná possui quantidade, qualidade, status sanitário e preços competitivos que garantem um desempenho favorável, principalmente frente ao mercado da Rússia e Japão que aumentaram consideravelmente suas importações de carne de frango brasileira.

Impacto da logística na receita dos produtores de soja paranaenses

- *Fernando Vinícius da Rocha* - Mestrando em Administração pela FEA-USP
- *Thiago Guilherme Péra* - Mestrando em Engenharia de Sistemas Logísticos pela POLI-USP
- *Pedro Loyola* – Mestrando em Gestão de Cooperativas pela PUCPR



Diante do desafio de crescer de modo sustentável, o agronegócio brasileiro vem ganhando destaque e espaço no contexto nacional e internacional ao se produzir diversas commodities de forma competitiva. Entretanto, a logística não acompanha tal crescimento, impactando em diversos gargalos para o setor. Nesse sentido, o presente artigo analisa o impacto da logística na cadeia de exportação de soja, sob uma ótica integrada de operações: armazenagem, transporte e porto, de forma a compreender os principais gargalos enfrentados pela agricultura do Estado do Paraná.

A pesquisa foi realizada pelo grupo ESALQ-LOG (ESALQ-USP), em 2013/14, por intermédio de uma parceria com a Federação

“Para o caso da soja paranaense exportada pelo Porto de Paranaguá, os custos logísticos totais representam entre 14 e 17% do preço do produto entregue no porto”.

de Agricultura do Estado do Paraná (FAEP).

Os embarcadores – “donos da carga” (geralmente, produtores e traders), são os responsáveis pelos custos envolvidos nas etapas de exportação (armazenagem, transporte e carregamento dos navios), as quais tem impacto direto na receita líquida de comercialização destes. Para o caso da soja paranaense exportada pelo Porto de Paranaguá, os custos logísticos totais representam entre 14 e 17% do preço do produto entregue no porto, a depender da localização do produtor dentro do Estado. Desta totalidade, a operação de transporte é a etapa logística mais custosa, chegando a representar até 9% do preço da soja.

Um dos fatores que mais contribuem para essa parcela custosa é a concentração da utilização do modal rodoviário, decorrente da falta de modais alternativos para o escoamento da safra no Paraná. A análise do preço do frete mostra que este possui um comportamento altamente sazonal, com fortes oscilações entre os períodos de safra e entressafra. Nos períodos de entressafra, os fretes atingem os menores patamares, muitas vezes abaixo do próprio custo de transporte (parcelas do custo fixo e variável dos caminhões).

Por outro lado, a grande demanda por transporte nos períodos de colheita eleva muito o frete no mercado, e a diferença entre esses períodos, conforme mostrado na Tabela 1, ultrapassa R\$ 30 por tonelada em algumas regiões no Estado, como em Maringá. Além disso, tal diferença é um importante indicador para tomada de decisão quanto à utilização de armazenagem pelos produtores, de forma a garantir a melhor estratégia de comercialização – otimização da receita com preços de fretes e de comercialização favoráveis.

Tabela 1. Comportamento observado nos fretes rodoviários com destino ao Porto de Paranaguá, entre o período de junho de 2012 e maio de 2013.

Origem	Média	Máximo	Mínimo	Máx - Mín	Desvio Padrão
Pirai do Sul	R\$ 51,19	R\$ 60,00	R\$ 38,11	R\$ 21,89	R\$ 6,76
Maringá	R\$ 79,44	R\$ 97,78	R\$ 65,00	R\$ 32,78	R\$ 10,71
Francisco Beltrão	R\$ 82,73	R\$ 97,81	R\$ 67,21	R\$ 30,60	R\$ 10,77
Campo Mourão	R\$ 83,05	R\$ 90,00	R\$ 70,74	R\$ 19,26	R\$ 5,10
Toledo	R\$ 87,82	R\$ 99,62	R\$ 74,03	R\$ 25,59	R\$ 7,67

Fonte: ESALQ-LOG (2014)

“Os custos pertinentes ao Porto de Paranaguá, relacionados ao recebimento e análise da carga no porto e ao carregamento dos navios, representam 2,58% do preço da soja”.

No contexto da armazenagem, o seu custo médio no Paraná é da ordem de 6,5% do preço da soja entregue no porto. A pesquisa evidenciou gargalos na utilização da armazenagem, como a existência da comercialização do serviço de armazenagem via escambo, ou seja, a troca da prestação de serviço por uma porcentagem do produto armazenado, que dificulta a fiscalização e transparência da operação comercial.

Ainda nessa linha, há uma ampla variabilidade nas tabelas de descontos aplicadas pelos armazéns, a qual contribui para o aumento da incerteza e da assimetria da informação entre os agentes do mercado. A pesquisa mostra que tal variabilidade, em alguns casos, ultrapassa 2% do produto entregue no armazém, ou seja, 1,2 quilogramas por saca de soja. Há, portanto, a necessidade de se aumentar a transparência na precificação desse serviço, visando a obtenção de um valor referencial para o Estado, ou para grandes regiões paranaenses.

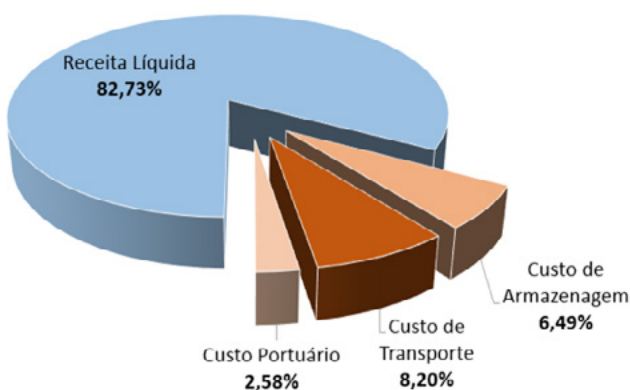
Os custos pertinentes ao Porto de Paranaguá, relacionados ao recebimento e análise da carga no porto e ao carregamento dos navios, representam 2,58% do preço da soja. O maior gargalo é a capacidade operacional, que está próxima do seu limite máximo, não sendo possível acompanhar os crescimentos da produção do agronegócio paranaense.

Outro importante gargalo diz respeito ao impacto das condições climáticas no carregamento dos navios. O tempo de ociosidade (paralisação das movimentações em decorrência das chuvas) é da ordem de 25% do total de tempo disponível para operação. Há, portanto, um rol de prioridades necessárias para alavancar a movimentação de cargas em Paranaguá, destacando-se: aumento da capacidade de recepção de veículos no porto, aumento da capacidade de expedição de carga para carregamento dos navios, e a necessidade de receber navios de maior porte.

A logística é o elo tenuous da cadeia do agronegócio como um todo. Além disso, a aquisição de novos equipamentos (como shiploaders e esteiras de movimentação de carga) poderia contribuir para a redução da perda de cargas no porto, cujas estimativas, baseadas na tolerância máxima de 0,25% do total de soja que adentra nos terminais portuários, indicam que essa perda pode chegar a quatro caminhões por navio carregado.

No Paraná, a receita líquida dos exportadores de soja, após o pagamento dos custos logísticos, gira em torno de 83%, conforme mostrado na Figura 1, abaixo.

Figura 1. A logística e seu impacto na receita dos produtores de soja paranaenses.



Fonte: ESALQ-LOG (2014).

“ O custo logístico do sojicultor paranaense é US\$ 14 por tonelada superior ao sojicultor americano. Ainda nessa linha, a parcela do custo de transporte rodoviário no custo logístico total para o sojicultor paranaense (49,22%) é quatro vezes superior ao americano (12,05%)”.

A Tabela 2 ilustra um comparativo do custo logístico total de exportação da soja da região de Mineapólis (EUA) e de Toledo (PR) com destino final ao Porto de Xangai (China). Nesse sentido, observa-se que o custo logístico do sojicultor paranaense é US\$ 14 por tonelada superior ao sojicultor americano. Ainda nessa linha, a parcela do custo de transporte rodoviário no custo logístico total para o sojicultor paranaense (49,22%) é quatro vezes superior ao americano (12,05%).

Tabela 2. Comparativo do custo logístico de exportação de soja com destino ao Porto de Xangai (China) – 2º Quadrimestre / 2013 - Modal de transporte / Custos Logísticos (US\$/t)

	Mineapólis (EUA) ¹	Toledo (PR) ²
Rodoviário	9,46	47,72
Hidroviário	25,59	-
Marítimo	43,47	44,54
Custo logístico	78,52	92,26
Participação (%) do custo rodoviário no custo logístico	12,05%	51,72%

Fontes: ¹USDA, 2014 / ²ESALQ-LOG, 2014

Enquanto o Brasil encontra dificuldades em investir nas soluções logísticas estratégicas, países concorrentes têm ampliado as vantagens comparativas. O Índice de Desempenho Logístico, ferramenta de benchmarking desenvolvida pelo Banco Mundial mede o desempenho ao longo da cadeia logística dentro de um país, possibilitando comparações entre 160 países.

Nesse ranking, o Brasil despencou vinte posições na última medição do estudo, passando a ocupar, em 2014, a preocupante 65ª posição, sendo ultrapassado por países com economias menores do ponto de vista absoluto ou relativo.

Nesse sentido, é cada vez mais nítida a necessidade de investimentos e de boa gestão na logística sob uma ótica integrada (transporte rodoviário e ferroviário, armazenagem e portos), a qual não tem acompanhado o exemplo de crescimento de produtividade e produção dentro da porteira do produtor rural.

Referências

ESALQ-LOG – Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial. Sifreca – Sistema de Informações de Frete. FAEP – Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Projeto Benin – Produto Unificado. Disponível em: <www.sistemafaep.org.br/publicacao/outras-publicacoes>. Acessado em 06 de outubro de 2014. USDA – United States Department of Agriculture. Grain Transportation Report. Junho de 2014. Disponível em <www.ams.usda.gov/AMSV1.0/getfile?dDocName=STELP_RDC5108087>. Acessado em 06 de outubro de 2014. Publicado na edição de fevereiro da revista AgroANALISYS, revista de agronegócios da FGV

Cara, coragem e vontade

De aluno do JAA a agrônomo e instrutor do SENAR-PR



João Carlos, à esquerda, e sua família

Ao participar das aulas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), em 2008, João Carlos Gonçalves, hoje com 22 anos, de São João do Ivaí, não imaginava que o curso seria decisivo na definição de seu futuro profissional. Concluiu o 2º Grau, fez vestibular e passou a frequentar o curso de Agronomia na UniCesumar e recentemente passou em uma seleção para trabalhar como instrutor do SENAR-PR na área de tratores agrícolas.

“Eu queria Agronomia, minha mãe queria que eu cursasse Administração, os amigos davam outras sugestões. Mas, o JAA foi decisivo para eu ter a certeza de que é na área rural que quero trabalhar”, afirma.

Neto e filho de agricultores, João Carlos frequentou no JAA duas modalidades do curso – gestão e mecanização. Nunca perdeu contato com seu instrutor o agrônomo Jeremias Celião e com as atividades do Sindicato Rural de São João do Ivaí, que tem a cultura de convidar os ex-alunos do JAA para contribuir com as novas turmas e com a Gincana, que acontece todos os anos na vizinha Barboza Ferraz. Os conhecimentos no JAA o ajudaram na faculdade, “porque eu já tinha uma base e pude me aprofundar”, explica.

Para ajudar ao pai pagar a faculdade que frequentou no período noturno, trabalhou como estagiário em uma escola particular

em Maringá. E transferiu conhecimentos ao pai (também João) na propriedade de 84 hectare), principalmente nas técnicas de adubação do solo. “Passamos de 74 sacas para 99 sacas de soja”, conta o pai orgulhoso.

O engenheiro-agrônomo, Jeremias Celião, instrutor de João Carlos no JAA, revela o segredo da parceria pai/filho. “Depois que começou a fazer agronomia o pai dele transformou a propriedade em campo de experiências do filho e de decisões sobre a propriedade, numa forma de trabalhar a sucessão familiar e tem dado certo”, comenta.

A confiança de Jeremias no pupilo João Carlos se revelou num convite para ser seu sócio na empresa que mantém, antes mesmo da prova de seleção no SENAR-PR. “As oportunidades não aparecem sempre, quando surgem temos que aproveitar. Confesso que sinto um friozinho na barriga, porque o desafio é grande, mas vou enfrentar, porque gosto das atividades ligadas ao campo”, diz.

João Carlos espera ainda aproveitar o trabalho de instrutor como sua tese de mestrado. Ele ficou em terceiro lugar no teste de seleção da mesma universidade da graduação e já definiu o tema: “Tecnologias limpas para o campo”. Com seu jeito tranquilo João se intitula “meio caseirão” e diversão pra ele é com a namorada Jéssica e a família que é muito numerosa.

O presunto fora de série

Com gosto suave e adocicado, a iguaria é extraída de uma raça de suínos ibéricos criados livres no pasto em algumas regiões da Espanha

Por Hemely Cardoso



O jamón ibérico de bellota (bolota em português), é um dos melhores, senão o melhor presunto do mundo. Com gosto suave e adocicado, sua origem é de uma raça de suínos ibéricos criados livres no pasto nas regiões de Huelva, na Andaluzia, e de Salamanca, na região de Castela e Leão. Os animais comem as bolotas (frutos de casca dura parecidos com castanhas) que caem dos azinheiros. Com extrema habilidade, os suínos retiram a casca amarga e comem só a polpa, principal responsável pelo sabor inconfundível do presunto de bolota.

Os azinheiros são árvores milenares parentes do carvalho, de onde se tira a madeira para a fabricação de tonéis de vinho e a casca é utilizada na produção de cortiça.

Durante os meses de novembro e dezembro, as bolotas amadurecem e caem no chão. Como são criados soltos no pasto,

os suínos se movimentam e fortalecem seus músculos, o que resulta em uma carne mais firme. As características genéticas da raça ibérica também permitem grande depósito de gordura infiltrada nas fibras que gera uma carne marmorizada, suculenta e brilhante. Quando alcançam peso aproximado de 150 quilos estão prontos para o abate, geralmente aos 16 meses. O jamón ibérico de bellota também é conhecido como presunto “pata negra” porque os suínos têm o pelo e pés pretos.

O processo de produção desse presunto é todo cheio de dengo, tanto nos cuidados na criação, como no abate, tempo de cura e modo de servir. Um quilo de jamón ibérico de bellota chega a custar R\$ 350,00 no Brasil, sendo que uma peça de oito quilos pode valer até R\$ 5 mil. Na Espanha, um “bom” jamón (oito quilos) custa entre 300 euros e 500 euros.

Criação

Depois do abate, as peças são separadas. Os pernis e as paletas (partes dianteiras) são separados para o preparo do presunto. Depois de retirar o excesso de gordura, as peças são mergulhadas em um tanque de sal marinho. Acomodadas em camadas, são levadas para um depósito climatizado, onde passam 10 dias. Então, são lavadas para retirada do excesso de sal, mas é na maturação lenta que a carne vai perdendo água e gordura. Os presuntos descansam com temperatura, ventilação e umidade controladas. O processo todo leva, no mínimo, três anos. De seis em seis meses, os presuntos tomam outro banho de azeite de oliva, o que evita o aparecimento de ácaro que pode estragar a carne. Depois de todo esse processo, há arte de cortar o presunto cru. Os cortadores de jamón, ofício que forma uma categoria profissional na Espanha, recomendam que quanto mais fino, melhor. Lá, houve estímulo a esse profissional e é bem comum o país promover concursos para eleger o “mejor cortador de jamón de Espanha” (melhor cortador de presunto da Espanha). No ano passado, por exemplo, segundo informações da Associação Nacional de Cortadores de Jamón, Miguel Abril, ganhou o título.

Por aqui não há nenhum registro de gente produzindo a iguaria, entretanto, o presunto pode de ser encontrado em mercados como o Gourmet Ibérico (www.gourmetiberico.com.br/departamentos/Jamon-%26-Embutidos/Ibericos/), em Curitiba, que passou a vendê-lo em outubro do ano passado.

A preço de ouro

Assim como o jamón ibérico de bellota há outros produtos vendidos a preço de ouro. É o caso das trufas brancas que o quilo chega a custar R\$ 20 mil. Essa iguaria é encontrada à beira do Mar Adriático e na região francesa do Drôme. As mais célebres vem da cidade italiana de Alba, no Piemonte. A trufa é um cogumelo subterrâneo e comestível, apreciado pelo seu sabor e aroma peculiar. É cara porque não pode ser cultivada, apenas “caçada” por animais da Europa. As melhores são as trufas frescas brancas, que só chegam ao Brasil entre outubro e dezembro.



O molho pesto no Brasil dificilmente será como o da Itália se depender do preço do pignoli. A pequena castanha – usada na receita tradicional do molho, ou no quibe e arroz árabe – chega a custar R\$ 952,00 o quilo. A embalagem com 50 gramas da marca Best custa R\$ 47,60.



As ovas de salmão também são uma iguaria de luxo e o quilo pode custar R\$ 500,00. Oficialmente, a denominação caviar era reservada às ovas de esturjão não fertilizadas, muito raras e caras. Porém, o mercado acabou aceitando também caviar de outros peixes, como o salmão, por exemplo.



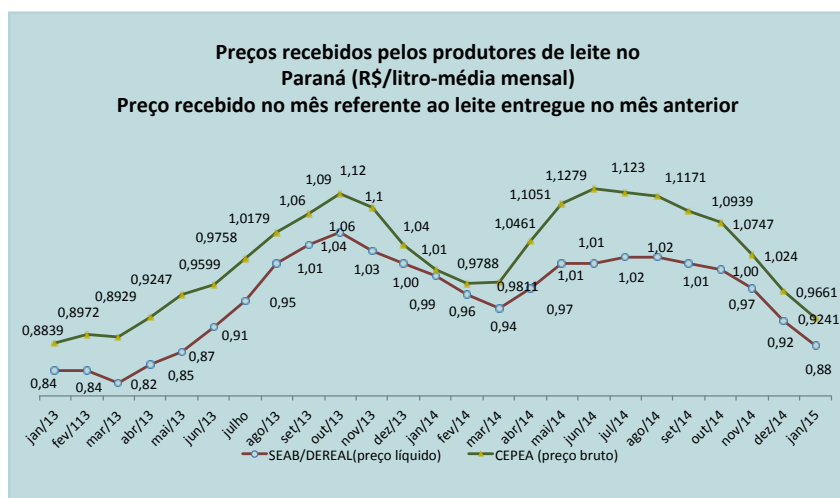
De nome e aspecto curioso, o mangostim (ou mangostão, como também é conhecido) é nativo da Ásia e cultivado em regiões tropicais. Por aqui a fruta é cultivada nas regiões Norte e Nordeste. De casca grossa e roxa, o mangostim tem gomos brancos e suculentos. O que faz essa fruta ser tão especial é sua história e uma substância encontrada em sua polpa. A rainha Vitória, da Inglaterra, era uma apreciadora dela e, por isso, a fruta é lembrada como a “rainha das frutas”. A substância é o ácido hidroxícitríco, muito utilizado nos tratamentos modernos para diminuição do peso corporal. O quilo dessa iguaria pode custar até R\$ 170,00.



CONSELHO PARITÁRIO PRODUTORES/INDÚSTRIAS DE LEITE DO ESTADO DO PARANÁ – CONSELEITE–PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 02/2015

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 24 de fevereiro de 2015 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em janeiro de 2015 e a projeção dos valores de referência para o mês de fevereiro de 2015, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE) POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2015

Matéria Prima	Valor projetado em janeiro/2015	Valor Final janeiro/2015	Diferença (final-projetado)
Leite CONSELEITE IN62**	0,7509	0,7532	0,0023

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE) POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2015 E PROJETADOS PARA FEVEREIRO/2015

Matéria Prima - Valores finais	Valor final janeiro/2015	Valor projetado fevereiro/2015	Diferença (projetado-final)
Leite CONSELEITE IN62**	0,7532	0,7305	-0,0227

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada “Leite CONSELEITE IN62”, que se refere ao leite analisado que contém 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil células somáticas /ml e 600 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de janeiro de 2015 é de R\$ 1,6986litro.

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 24 de fevereiro de 2015

RONEI VOLPI Presidente

WILSON THIESEN Vice - Presidente



Cavalgando as nuvens

A política, dizem em Brasília, muda como as nuvens. Mas elas (as nuvens) podem “hospedar” momentaneamente um cavalo tendo ao fundo um arco-íris, como nessa foto de Maria Pizani Millani feita em Maringá



O mamão na Somave

O carregado pé de mamão foi fotografado por Márcio Caires no pátio do abatedouro de aves da Somave, em Cidade Gaúcha. Márcio é gerente de manutenção e aproveitou para comparar a empresa onde trabalha com a fartura do pé de mamão. Escreveu: “Como a Somave, aumentando sua produtividade com qualidade e produzindo bons frutos em grandes quantidades”. **Nota da redação: Merece um aumento.**



Família unida

Sentada no feno a ser guardado antes da chuva está dona Cecília Scheibler (mãe); ao fundo Juliana Scheibler. (filha mais velha). Na 2ª imagem está Julita Fatima Velcker (filha mais nova) com o cabritinho. Todas participantes de cursos de capacitação do SENAR-PR. A foto foi na propriedade da Família Scheibler (Reinoldo e Cecília) – na Comunidade Linha São Paulo - Três Barras do Paraná -PR.



Carta



O “lambreado de conejo”

Ricardo Alexius, de Medianeira esclarece equívocos na nota “Opção de Dilma”, publicada na seção Via Rápida (BI 1289), que misturava a visita da presidente brasileira à Bolívia (em vez de ir tratar de coisas grandes em Davos, na Suíça) ao “lambreado de Conejo”. Zootecnista e apreciador da culinária exótica (ou não) brasileira e de outros países, ele esclareceu:

“O Lambreado de Conejo é feito com o ‘conejo cuy’ (‘coelho-cobaia’), ou seja, o porquinho-da-índia, que nada tem a ver com hamster. O ‘chuño’ não é uma batata congelada, mas uma batata liofilizada (desidratada pela exposição alternada ao frio da noite e o sol do dia, onde ocorre sublimação). É cultivada pelos Andinos há mais de oito mil anos”.

Nota da redação: Tadinhos dos porquinhos da Índia.

CIANORTE



Operação Fora de Estrada

O Sindicato Rural de Cianorte realizou, em parceria com a Destilaria Melhoramentos Norte do Paraná, o curso Técnicas de Operação Fora de Estrada – Veículos Canavieiros. Entre os dias 19 a 31 de janeiro. Participaram nove trabalhadores rurais com o instrutor Eraldo Moreira da Silva.

MARIA HELENA



Mandioca

O Sindicato Rural de Maria Helena realizou de 29 a 30 de setembro de 2014, o curso Trabalhador na Olericultura Básica – mandioca, em parceria com o produtor Antônio Roberto de Lima, Emater, Pastoreio Comércio de Insumos Agropecuários LTDA e AMIFEC – Alimentos LTDA. Participaram 15 produtores rurais com o instrutor Claodemir José Grolli. Além deste, ao longo de 2014 o sindicato realizou outros 10 cursos em parceria com a prefeitura, Emater e empresas do setor.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Cultivo de grãos

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou, no período de 19 a 21 de janeiro, no município de Santa Cecília do Pavão o curso Cultivo de Grãos e Oleaginosas - soja - manejo de doenças. Participaram 10 trabalhadores rurais com o instrutor Eder Paulo Arrabal Arias.

TIBAGI



Bovinocultura de corte

O Sindicato Rural de Tibagi realizou, de 27 a 29 de janeiro, o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Corte. Participaram 18 produtores com o instrutor Marcelo Ailton.

MANGUEIRINHA



Posse

O Sindicato Rural de Mangueirinha realizou no dia 06 de fevereiro a posse da diretoria eleita com a presença do diretor-secretário da FAEP, Livaldo Gemin. Foram eleitos: presidente Nilton Luis Feldkircher; vice-presidente Darcilo Scolari; tesoureiro Juarez Alberti e o secretário Gercy Zanetin.

SERTANÓPOLIS



Aplicação de Agrotóxico

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou, nos dias 13, 14 e 15 de janeiro, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - tratorizado - autopropelido - NR 31. Participaram 13 trabalhadores rurais com o instrutor Eder Paulo Arrabal Arias.

SÃO JOÃO



Colhedoras

O Sindicato Rural de São João realizou, nos dias 02 e 03 de fevereiro, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes Colhedoras Automotrizes-New Holland-básico. Participaram 10 agricultores, com o instrutor Adelar Cagnini.

MARINGÁ



Tratorista

O Sindicato Rural de Maringá realizou, nos dias 29 e 30 de janeiro, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola). Participaram 14 trabalhadores com o instrutor Mauro Cesar Volpi dos Santos.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Direto da Serra

A areia branca e fina das praias do Brasil, é composta principalmente de quartzo, mineral que vem do granito, um dos tipos de rocha mais abundantes na Serra do Mar, que margeia o litoral do país, afirma o geólogo Paulo Gianinni, da USP. O que pouca gente sabe é que, depois de figurar na paisagem praiana por milhões de anos, os grãos de areia também morrem. Tudo acontece ali na praia mesmo: empilhado pelo peso enorme das novas camadas de areia que continuamente chegam à costa, o grão desce a centenas de metros de profundidade e volta a ser pedra, formando o assoalho oceânico.

Haja biscoitos

O Brasil é o segundo maior produtor de biscoitos/bolachas do mundo, com 1 milhão e 700 mil toneladas fabricadas em 2013 (não calcularam ainda em 2014), segundo a Associação Nacional da Indústria de Biscoitos (Anib). As vendas somaram naquele ano mais de 17 bilhões. Também segundo o órgão, o produto está presente em 99,9% dos lares brasileiros e a média de consumo é 8,5 kg/per capita/ano.



Formato perfeito

Os ovos têm essa forma porque ela é, digamos, um sucesso de design na evolução das aves. Ovos ovais são vantajosos para as penas em diversos momentos de sua vida. Em primeiro lugar, na hora de pôr o ovo. Se ele fosse quadrado, por exemplo, causaria o deslocamento do oviduto (o canal de cerca de 75 centímetros por onde os ovos saem para fora do corpo da galinha).



Cuidado!

Quem acha que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar está equivocado. O Cristo Redentor, por exemplo, é atingido por raios seis vezes ao ano, em média. As descargas elétricas costumam se direcionar para locais que apresentem as seguintes condições: ambiente descampado, peças metálicas e eletricidade estática.

A mardita desde 1534

A primeira cachaça engarrafada foi a Ypióca, em Maranguape, no Ceará. A data é incerta: entre o final do século 19 e início do 20. O recipiente tinha 600 ml e ainda não levava o logotipo do fabricante. Antes disso, a bebida era vendida em tonéis marcados apenas com o nome do produtor. A produção de pinga começou por volta de 1534, nos engenhos de açúcar da capitania de São Vicente, hoje cidade de Santos. O destilado é mais consumido no Brasil e o terceiro no mundo. Haja cana.



Diga rápido: Nürburgring

O maior autódromo do mundo em atividade é o de Nürburgring, na Alemanha. Construído em 1927, o circuito originalmente contava com 28,265 km de extensão e sediava o Grand Prix da Alemanha. Devido aos mais de 60 acidentes fatais ocorridos na pista, o traçado teve de ser reconfigurado ao longo dos anos. A pista de provas foi reduzida para 5,148 km de extensão, mas outros 22 km continuam disponíveis para provas especiais ou mesmo para qualquer um que quiser pisar no acelerador - você pode usar seu próprio carro ou alugar um no autódromo.



O nariz deles

O focinho dos cães não é gelado, mas, sim, bastante úmido. Isso acontece porque os cães possuem uma quantidade pequena de glândulas sudoríparas - que liberam o suor para auxiliar o corpo a eliminar calor. Para controlar a temperatura interna, precisa transpirar pela boca e pelo focinho. Isso explica porque os cães andam com a boca aberta, respirando como se estivessem ofegantes. O ato não significa necessariamente cansaço, mas, sim, um processo de eliminação de calor do corpo: o ar quente sai e o frio entra. Essa mesma troca ocorre no focinho. Quando o ar quente interno sai por ali e entra em contato com o ar ambiente mais frio, ele sofre o processo de condensação e ganha a forma líquida, molhando e resfriando o focinho.



Cappuccino dos capuchinhos

A receita do café tipo cappuccino foi criada nos anos 1940, na Itália, a partir da mistura de pó de grãos nobres, leite vaporizado, açúcar e canela em pó. O nome se deve à semelhança entre a cor da bebida e a da vestimenta dos monges capuchinhos, ou cappuccini no singular, em italiano. Em português cappuccino com “o” final, dois “pês” e dois “cês”.



Tsar Bomba

A Tsar Bomba apelidada de Ivan, a Terrível, foi a maior e mais poderosa bomba termonuclear já construída. Ela foi explodida no mar ártico russo pela União Soviética em 1961. Seu poder era de nada menos que 57 MT de TNT (57 milhões de toneladas de trinitrotolueno). Sua detonação ocorreu a quatro quilômetros acima do solo e sua força equivalia a 3,8 mil bombas de Hiroshima.



O Menor Macaco do Mundo

É o sagui-leãozinho, (*Cebuella pygmaea*), do tamanho de uma escova de dentes e pesa 107 a 141 gramas. É o menor macaco sul americano, com registro, inclusive, no Guinness Book. Habita as áreas de floresta pluvial da Amazônia e países vizinhos, onde o casal e suas crias vivem em grupos pequenos.



PROTEGER PARA VALORIZAR

A água é um recurso natural insubstituível para a manutenção da vida saudável e o bem-estar do homem na cidade e no campo. É a garantia da autossuficiência econômica da propriedade rural.

Valorize suas terras – aumente a quantidade e qualidade da água na propriedade.

Não desmate encostas. Recupere e preserve as nascentes e mananciais. Construa cercas, fechando a área da nascente, num raio de 30 a 50 metros a partir do olho d'água. Isso evita a entrada dos animais, o pisoteio e a compactação do solo.

Proteja e aumente as matas ciliares.

Enriqueça as matas nativas, elimine as queimadas.

Faça o uso adequado dos solos

Plante em curva de nível, cada linha de plantas forma uma barreira e reduz a velocidade da enxurrada.

Faça o plantio direto com o uso dos restos culturais (palhada).

Isso favorece os organismos que vivem na terra, melhora as condições de infiltração e armazenamento de água no solo, além de diminuir o impacto das gotas de chuva sobre a superfície.

Construa fossas assépticas nas residências rurais; evite o lançamento de esgotos nas águas da propriedade.

Use fossas para os rejeitos animais, principalmente no caso de criação de suínos.

Construa cochos para abastecimento de água para o gado ao longo da propriedade, evitando o trânsito de animais junto às nascentes e córregos.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br